

## **Empresas abertas estão mais perto de indicadores ESG**

**Com maior pressão dos investidores, empresas da Bolsa buscam mais iniciativas ambientais, sociais e de governança**

### **O Estado de S. Paulo**

Para responder a um chamado dos investidores, empresas de capital aberto têm investido mais na gestão das iniciativas ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla em inglês). Além da maior cobrança da sociedade, selos de validação de ações sustentáveis possibilitam acesso a crédito, atração de grandes investidores institucionais, participação em fundos de destaque e criação de valor agregado e reconhecimento para a companhia.

Por conta dessa influência, empresas levam a discussão para cargos executivos. Os índices de sustentabilidade, com companhias de diferentes setores, estão cada vez mais concorridos. Na B3, o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e o Índice Carbono Eficiente (ICO2) são duas carteiras compostas por instituições comprometidas com práticas ESG.

A B3 anunciou recentemente a maior reformulação na metodologia do ISE desde o lançamento, em 2005. O novo sistema passa a divulgar uma nota geral de todas as empresas que participarem do processo de seleção e a formulação de um ranking ESG das empresas brasileiras. A novidade entra em vigor em janeiro de 2022.

As notas serão calculadas a partir de indicadores que vão desde capital humano a práticas de negócios. Assim, investidores poderão ter maior transparência para comparar empresas de diferentes segmentos.

Segundo a B3, a mudança possibilita mais transparência e será possível comparar as jornadas ESG de cada companhia, além de alinhá-las com padrões internacionais. “Com o aumento de relevância dos temas ESG no mercado, seja por parte das empresas ou dos investidores, vieram novas demandas, necessidade de simplificação do processo e maior aprofundamento em temas que são relevantes para cada setor”, afirma Luís Kondic, diretor de Produtos Listados e Dados da B3.

Para Kondic, a mudança é resultado de sugestões que vieram de empresas, investidores, analistas e profissionais do mercado, além de contribuições recebidas em consulta pública à nova metodologia do ISE B3. Enquanto o ISE tem vigência anual, o ICO2 é renovado a cada quatro meses com companhias aprovadas pela metodologia de avaliação do índice, com foco na transparência e prestação de contas. Para avaliar, a organização sistemática de dados pode ser um diferencial. Em um ano, o ISE deu retorno de 5,83% e o ICO2 rendeu 8,15%, enquanto o Ibovespa cresceu 20,73%.

“O mundo do futuro tem dois pilares: tecnologia e sustentabilidade”, avalia Felipe Bittencourt, CEO da Waycarbon e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo ele, o modo das empresas de mensurar as ações não passava de uma “gestão de relatórios” com dados já ultrapassados. Porém, com a priorização da

temática, surge a necessidade de acompanhamento em tempo real e de modo organizado. Há sete anos, a plataforma Climas foi criada pela Waycarbon para organizar e gerir informações quantitativas e qualitativas “a um clique de distância”. Bittencourt explica que há dificuldade das empresas em sistematizar as informações. “Muitas têm fábricas ou escritórios em cidades e até países diferentes, utilizam idiomas e culturas diferentes, tudo isso dificulta a organização e gerenciamento de dados.”

No centro da empresa está a mensuração de emissões de gases do efeito estufa (GEE). O sistema controla, em média, 44 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano. Na plataforma, cada companhia consegue unir todas as informações em uma tela. São mapeados índices de emissão de carbono, tipo de energia utilizada, quantidade de resíduos produzidos e os valores que foram reciclados, entre outros números relativos aos pilares ambientais, sociais e de governança.

Atendendo cerca de 200 empresas na Waycarbon e 14 setores da economia, o CEO destaca que só na equipe da plataforma Climas o número de colaboradores foi duplicado para atender novos clientes.

Ainda há quem diga que alguns setores podem estar mais diretamente ligados às práticas de sustentabilidade. Entretanto, a influência atinge todas as áreas, de empresas que desenvolvem energias renováveis às do mercado financeiro.

Para a Minerva Foods, empresa de alimentos responsável por cerca de 20% de toda a carne exportada na América do Sul, conhecer os indicadores ESG é uma prioridade que já está na agenda há bastante

tempo, como comenta Taciano Custódio, diretor de sustentabilidade da empresa. “O mercado internacional é muito exigente, não só na qualidade dos produtos, mas no impacto que as empresas estão tendo no mundo”, aponta. Segundo ele, desde 2005 a empresa já deu os primeiros passos com o Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo e, em 2009, com o Compromisso Público da Pecuária, que afirma o compromisso com o desmatamento zero e com a rastreabilidade da produção.

A MRV, construtora que integra o ISE desde 2017, usa mais de cinco mil parâmetros de ESG por meio de software da Waycarbon. “Entrar no ISE nos colocou em uma elite de empresas de capital aberto do Brasil. Além de prestar conta e atrair investidores, foi o momento em que a sustentabilidade passou a fazer parte, oficialmente, da cultura da empresa”, aponta José Luiz da Fonseca, gestor de Sustentabilidade da empresa. A MRV conseguiu reduzir a geração de resíduos para um quinto do que era produzido em 2010. Há uma clara vantagem, segundo Fonseca: “A redução de desperdício nos possibilita usar recursos para investir em outras áreas”.

Núcleo de Inteligência - Sedet  
**Edição 185 - Em 03 de agosto de 2021**

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.